

A Fragilidade do Símbolo¹ e a Transmissão Transgeracional

The Fragility of the Symbol And the Transgenerational Transmission

Angela Piva²

Resumo: O presente artigo faz um recorrido teórico de conceitos fundamentais da psicanálise dos vínculos, que sustenta a noção do sujeito como elo de uma cadeia genealógica e herdeiro de complexos experienciais ancestrais. A transmissão transgeracional como elemento universal constitui-se como uma obrigação de trabalho psíquico, que se dá através de processos de ligação e elaboração, e também como ausência de representação.

Abstract: This article draws a theoretical line of the basic concepts of the linking psychoanalysis, which supports the notion of the citizen as link of a genealogical and inheriting chain of complexes ancestral experiences. The transgenerational transmission as universal element consists on an obligation of psychic work that is originated through the processes of linking and elaboration and also the absence of representation.

Palavras-chave: Transmissão Transgeracional. Psicanálise dos Vínculos. Intersubjetividade. Transgeracionalidade.

Keywords: Transgenerational Transmission. Bonding Psychoanalysis. Intersubjectivity. Transgenerationality.

¹ Curso ministrado na VIII Jornada Bianual do Contemporâneo “A fragilidade do símbolo: aspectos sociais, subjetivos e clínicos”, ocorrida nos dias 15 e 16 de agosto de 2008.

² Psicóloga, Psicanalista – Endereço para correspondência: angelapiva@terra.com.br

A proposta deste curso é realizar um recorrido teórico sobre a contribuição da teoria da psicanálise dos vínculos, que amplia a teoria psicanalítica, à medida que esta trata de desenvolver, de forma consistente, uma tópica intersubjetiva. Nesta tópica, o sujeito é pensado de modo multidimensional, não só como sujeito do inconsciente, mas como sujeito social, sujeito da história e sujeito do vínculo. Diferente do sujeito do inconsciente pulsional e daquele das relações de objeto, que são gerados pela ausência (toda a representação se constrói na ausência do objeto), este é um sujeito que emerge pela intersubjetividade, um sujeito da presença. Sendo assim, o ponto de partida, o objeto de estudo, não é mais o sujeito, mas sim o vínculo. (PIVA, 2006)

A possibilidade de pensar o sujeito como elo de uma cadeia genealógica e pontuar as questões transgeracionais como constituintes de subjetividade apóiam-se na conceituação de novos paradigmas científicos, em especial, no paradigma da complexidade. Dizemos que existe complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis e constitui o todo. Assim, é a união entre a unidade e a multiplicidade. Este paradigma concebe o mundo como um todo integrado e não como uma coleção de partes dissociadas, reconhecendo a interdependência fundamental de todos os fenômenos. Pensar os sistemas vivos como redes fornece uma nova perspectiva, pois se todos os sistemas vivos são redes, não partes em absolutos. Aquilo que denominamos parte passa a ser apenas um padrão em uma teia inseparável de relações. (MORIN, 1996; CAPRA, 1996; PIVA, 2006)

Por uma Tópica Intersubjetiva

Ao se postular a noção de tópica intersubjetiva, a definição de vínculo como uma ligação estável entre dois sujeitos, que leva a privilegiar e dar *status* à presença do outro real como produtor contínuo de subjetividade, configura-se como elemento central. (BERENSTEIN, 2004). A isto se agrega a noção de que o grupo precede o sujeito e que, assim como não temos escolha de não pertencer ao grupo, não temos escolha de ter ou não ter um corpo (KAËS, 1997). O grupo fornece o enquadramento, a matriz de investimentos e cuidados; demarca lugares a serem ocupados; sinaliza vias de realização; impõe limites e proibições. Através dele são transmitidas sinalizações identificatórias, ideais, formas de defesa, mitos, língua, significantes, fundamentos da lei

e dos usos dos produtos da cultura. Sem essas transmissões, o sujeito, além de não ser sujeito como tal, não poderia realizar seu próprio fim.

Na visão da complexidade, o objeto de estudo desloca-se para as redes de relações, embutidas em redes maiores. Já temos assinalado que, na psicanálise, esta mudança paradigmática adquire melhor contorno no enfoque da vincularidade e dos novos acontecimentos como produtores contínuos de subjetividade. (PIVA, 2006). A subjetividade é concebida como uma construção constante na relação com o outro. Esta noção de sujeito sinaliza mudança da concepção de aparelho psíquico fechado, para a concepção de organização psíquica com diferentes espaços em constante transformação, em que interagem movimentos de criação e repetição, dando lugar a possibilidades inéditas. A constituição subjetiva não se restringe apenas às origens primitivas, mas cada vínculo tem potencial para se constituir em uma nova origem.

Duas conseqüências decorrem desta noção de sistema aberto. A primeira é que as leis de organização de qualquer ser vivo não são leis de equilíbrio, mas de desequilíbrio, de dinamismo estabilizado. A segunda, a que mais interessa a nosso propósito aqui, diz que a compreensão de qualquer ser vivo não será encontrada apenas no próprio sistema, mas também na relação com o meio, que lhe é simultaneamente íntimo e estranho. Aqui queremos marcar a idéia que, na perspectiva vincular, o mundo interno e o mundo vincular coexistem em multidimensionalidade. O pensamento multidimensional, ao abarcar diferentes aspectos em uma mesma realidade, propõe uma dialógica, na qual dois ou mais princípios estão unidos sem perder sua especificidade. (MORIN, 1999; Piva, 2006)

Transmissão Transgeracional

“Quais são as maneiras e os meios empregados por determinada geração para transmitir seus estados mentais à geração seguinte?” (FREUD, 1939)

Esta indagação de Freud adquiriu maior relevância nos últimos trinta anos, à medida que a teoria psicanalítica e sua prática clínica viram-se confrontadas com a necessidade de dar conta da inteligibilidade dos sofrimentos e das organizações psicopatológicas, que resultam das profundas transformações sociais, culturais e ideológicas.

No texto freudiano, existem, pelo menos, quatro termos que designam a transmissão.

Die Übertragung é empregado para designar os processos de transmissão de pensamento, de telepatia, os fenômenos de contágio e de imitação que surgem nas multidões. Também é um dos termos utilizado no debate sobre a etiologia das neuroses (A hereditariedade e a etiologia das neuroses, 1896).³

Die Vererbung designa o que se transmite por legado ou por herança.

Die Erwerbung indica a aquisição como um resultado da transmissão. Esta idéia aparece expressa nos versos de Goethe: “O que herdaste de teus pais, para possuí-lo, adquira-o”.

Die Erblichkeit é um termo formado a partir do adjetivo *erblich* que dá conta do transmitido por legado biológico ou por sucessão jurídica.

Tal diversidade de significados indica a diversidade de objetos de investigação realizados por Freud. Em nossa perspectiva, queremos destacar alguns textos freudianos fundamentais. No texto de 1913, ‘Totem e Tabu’, ele inaugura uma nova via de investigação, ao tratar da transmissão de uma geração à outra: a transmissão do tabu e a transmissão da culpa. Em ‘Psicologia das Massas e Análise do Ego’ (1921) e ‘O Ego e o Id’ (1921), ele situa a questão da identificação, como processo de constituição e também como via de transmissão.

Depreende-se dos textos freudianos, que o autor propõe discriminar duas vias de transmissão: uma que passa pela cultura, garantindo assim, a continuidade geracional, e outra - a das proibições - que integram o inconsciente.

A temática da transmissão transgeracional coloca-se como uma possibilidade de compreensão do sujeito como herdeiro de múltiplas experiências ancestrais, que tanto o enriquecem como podem torná-lo prisioneiro de uma história que não é a sua. Nesse sentido, a transmissão transgeracional é universal e co-formadora de subjetividade. A transmissão nunca é passiva: existe sempre um processo ativo, ela deixa sua marca no sujeito através de complexas operações de reinscrição e transformação que serão sempre únicas, singulares. O processo da transmissão constitui-se em uma obrigação de trabalho psíquico, tanto para o indivíduo, quanto para o grupo, e desenvolve-se através de um trabalho de elaboração, de ligação, na medida em que uma geração consegue transformar aquilo que recebe, apropriando-se do herdado, desde sua própria vivência e perspectiva.

³ A tripla especialidade psíquica supõe uma tópica com lógicas e sistemas de inscrições representativas que possuem dinâmicas diferentes e em vigência, desde o começo da vida, como um triplo registro. O espaço intrapsíquico é o mundo interno com representações, imagens e fantasia. O espaço intersubjetivo é o mundo interpessoal, onde o sujeito está com o outro. O espaço transubjetivo é o mundo sócio-cultural onde se estabelecem relações com um ou vários representantes da sociedade.

Este processo permite que cada geração possa situar-se em relação às outras, bem como inscrever cada sujeito em uma cadeia como pertencente a um grupo, dono de uma história e de um lugar. Em outro extremo, quando o herdado é apenas acatado, sem elaboração, estamos no território da compulsão à repetição, da alienação. O herdado adquire então, o *status* de um destino a cumprir. (PIVA, 2006)

O debate sobre o transgeracional tem enfatizado a vertente da psicopatologia. Autores como Kaës (1996) e Granjon (1990) propõem distinguir duas formas de transmissão: a intergeracional ou intersubjetiva, em que a passagem de uma geração à outra é realizada através de um processo de transformação, e a transmissão transgeracional ou transpsíquica, em que o transmitido não adquire o estatuto representacional e histórico. Neste caso, a transmissão ocorre através e não entre as gerações, pois não é metabolizada.

Sob nosso ponto de vista, esta distinção terminológica mais atrapalha que ajuda, pois, quando falamos em transmissão geracional, estamos tratando tanto daquilo que garante a continuidade narcisista e a manutenção dos vínculos e que corresponde às formas estruturantes, quanto das formas desestruturantes, à qual Eiguer (1998) denominou com propriedade de “a parte maldita da herança”.

O que se transmite?

Nenhuma geração é auto engendrada, precisa da conexão com as anteriores, caso contrário, no argumento pelo absurdo, seria preciso sempre partir do zero. Neste sentido, existe obrigação e urgência em transmitir, já que isto garante à continuidade de uma geração a outra.

Podemos dizer que se transmitem afetos, representações, fantasias, sistemas de relação de objeto, sistemas de ideais e valores, sistemas identificatórios, mecanismos de defesa, culpas, dívidas, mitos e também, o vazio, o significante em bruto, o negativo. Nada escapa à transmissão.

Os acontecimentos familiares são transpassados por inúmeras vivências. Alguns são representados, simbolizados e adquirem a condição de história. Outros não chegam a tal sofisticação e a experiência vai manter-se como um fragmento desligado, que não pode simbolizar-se e que irá se alojar em algum sujeito, em alguma geração, pois o desligado pode atravessar as gerações em sua potencialidade traumática. O que hoje sabemos, é que o peso do não processado ancestral invade o campo familiar de forma a bloquear a circulação fantasmática. Questões não representadas em uma geração habitam na

família como um presente, ausente. Presente como perturbação. Ausente como representação. Aqui alcançamos, em nossa temática, a fragilidade do símbolo e a transmissão transgeracional.

Sobre a Transmissão e a Fragilidade Simbólica

A clínica psicanalítica de uma histeria conversiva reconhece símbolos que vão dar sentido e uma possível determinação para tal sintoma. No entanto, a escuta analítica também se defronta com discursos refratários a qualquer tentativa de significação. Abraham e Torok (1995) propõem uma teoria original em relação ao mecanismo de introjeção, ao processo de simbolização e à transmissão de “símbolos fraturados”. O conceito de introjeção definido por estes autores relaciona-se com a noção freudiana de elaboração psíquica, sendo que a impossibilidade de lidar com os efeitos de algum traumatismo se encontra na origem de sua psicopatologia. Hoje pensamos que os traumatismos podem acontecer a qualquer momento, não sendo apenas uma reedição de acontecimentos precoces.

Rand (1993) define a introjeção em três momentos:

- 1- algo novo, desconhecido (bom ou mau) surge do exterior ou do interior do sujeito;
- 2- tentativa de manejar este acontecimento através do jogo, da fantasia, da projeção e de outros recursos inconscientes e pré-conscientes;
- 3- através do encontro progressivo com isso, o sujeito toma consciência e pode então, designar e lhe conferir cidadania.

A introjeção é um processo que envolve o psiquismo como um todo, incluindo os objetos do mundo exterior no eu, de acordo com o princípio de realidade. Quando à introjeção falha, o resultado é o sofrimento psíquico, o que corresponde a um traumatismo, na medida em que o sujeito não conseguiu elaborar um acontecimento, nem apropriar-se do mesmo. As lacunas na introjeção se devem a seu caráter traumático. Não se trata da gravidade do traumatismo de forma objetiva, mas sim da incapacidade de lidar com as intensidades que inundam o psiquismo e conferir-lhe um estatuto representacional, simbólico (ABRAHAN, 1995; TISSERON, 1997; THOMAZI, 2006).

Simbolizar significa substituir funcionamentos incompatíveis por um funcionamento novo de um nível superior. Na falta de simbolização,

o conflito permaneceu fixo no plano motor, mas sua promoção para o nível verbal possibilita diversas saídas. A palavra e a imagem que ela inspira, abre o caminho para um funcionamento isento de conflito, pois a manipulação conflitual do objeto dá lugar à manipulação sem perigo da palavra-imagem. A simbolização não consiste em substituir uma coisa por outra, mas em resolver um conflito determinado transpondo-o num plano em que seus incompatíveis sofram uma indeterminação capaz de harmonizá-las num novo funcionamento. (ABRAHAM, 1995, P. 33)

A metabolização da perda é necessária para que o processo de introjeção se efetive. Quando esta falha, a desmetaforização e a objetivação, paralisam o objeto mais próximo da coisa corporal, e assim, evitam o reconhecimento subjetivo da experiência de perda. Nestes casos, a inclusão passa a ser o mecanismo utilizado, o sujeito apenas incorpora não como objeto, mas como coisa, pois a relação confunde-se com o objeto que a representa. O modelo da incorporação tem origem na forma arcaica da ingestão, estando este mecanismo está na origem de múltiplas repetições.

A assimilação imaginária ou real das faltas, sob a forma de alimento, no momento em que o psiquismo está tentando elaborar as perdas, é recusa ao luto e seus efeitos, é recusa a interiorizar parte de si, ou seja, a parte de si depositada no que foi perdido, é recusa ao verdadeiro sentido da perda. A fantasia de incorporação revela uma falha na introjeção e uma falha no psiquismo.

Na incorporação evidenciam-se dois procedimentos:

- a desmetaforização: tomar ao pé da letra, o que deveria ser entendido em um sentido figurado;
- a objetivação: o sofrimento não se refere a uma ferida no sujeito, mas à perda do objeto.

O processo de incorporação é resultante de uma rejeição radical da perda, quando todas as palavras que não puderam ser ditas, todas as cenas que não puderam ser lembradas, todas as lágrimas não choradas são engolidas, assim como o traumatismo que gerou a perda: “o luto indizível instala no interior do sujeito uma sepultura secreta”. (ABRAHAM, 1995, p.249)

Em nível tópico, tal situação resulta em uma configuração psíquica denominada cripta, nesta tópica, o símbolo psíquico é fragmentado. Não há cripta que não tenha sido precedida por um segredo partilhado, por um segredo que previamente fragmentou a tópica. Para que se forme uma cripta, é preciso, no entanto, que o segredo vergonhoso tenha sido responsabilidade de alguém que se encontre para o sujeito em lugar de ideal.

A inclusão ou o recalçamento conservador diz respeito a uma forma de proteger o recalçamento constitutivo, que pode se romper, caso a revelação do segredo se efetive. A diferença entre os dois está no fato de o recalçamento constitutivo de um desejo nascido do interdito buscar, em desvios, seu caminho e o encontrar nas realizações simbólicas, enquanto o recalçamento conservador oculta um desejo realizado sem desvios, que se encontra enterrado sem possibilidades de vir à tona ou desaparecer. O lugar onde o segredo é incluído está num território encravado pela clivagem entre o inconsciente dinâmico e o ego da introjeção, uma espécie de inconsciente artificial PCS-CS. É um análogo da tópica inteira, que opera com grandes reforços de contra-investimento, criando um isolamento de todo o resto do psiquismo, principalmente, da lembrança da perda.

Esse elemento de realidade, conceito metapsicológico de realidade, refere-se a tudo que age no psiquismo de maneira a lhe impor uma modificação tópica. Quer se trate de uma restrição de dentro ou de fora, remete, no aparelho psíquico, ao lugar em que o segredo está escondido (ABRAHAN & TOROK, 1995). Não acessível às palavras, impossibilita todo o trabalho de luto, imprimindo a todo o psiquismo uma modificação oculta, a cripta, originalmente uma galeria subterrânea, secreta, onde se encerravam mártires ou se guardavam relíquias. Essa relação entre realidade e segredo está em simetria com a realidade do mundo exterior – a negação de uma caminhada lado a lado com a recusa de outra, ao negar-se a realidade recusa-se o segredo.

A cripta ou furna, sendo o lugar do segredo, tem a particularidade de não poder ser expressa em palavras, mas é composta de palavras. Palavras que são congeladas, enterradas e preservadas vivas. As falas, as cenas, os afetos serão incorporados e serão conservados na zona clivada do ego. Desde a cripta imaginária, as palavras enterradas não deixam de causar efeito sobre o sujeito, numa ação subversiva. (THOMAZI, 2006)

No discurso do portador da cripta, ao contrário do que Lacan propõe, o significado não é secundário. A cadeia significante tem como missão manter oculta a palavra-objeto da cripta, mascarando o próprio símbolo, proveniente de outro mundo, um mundo não simbolizável. As palavras que ocultam não são nem palavra-objeto, nem as outras significações dessa palavra no dicionário, mas sim sinônimos de ‘alosesmas’ – palavras que têm um significado diferente daquele que o sujeito pretendia lhe dar – que já não possuem relação fonética nem semântica direta com a palavra original. (NACHUN, 1997)

O funcionamento psíquico de uma criança, em contato com o pai portador de uma cripta, fica afetado pelo efeito de um ‘fantasma’.

Desde o início dos tempos e em todas as civilizações, encontra-se presente a crença que o espírito dos mortos pode voltar a habitar nos vivos. O fantasma, sob todas as formas, é uma invenção dos vivos. Tal invenção busca objetivar a lacuna que deixou em nós a ocultação de uma parte da vida de um ente amado. O fantasma das crenças populares não faz, portanto, outra coisa a não ser objetivar uma metáfora que trabalha no inconsciente: ‘o enterro no objeto de um fato vergonhoso’.

O fantasma é uma formação do inconsciente que tem a particularidade de não ter sido nunca consciente – e com toda razão -, e de resultar da passagem – cujo modo resta determinar – do inconsciente de um dos pais ao inconsciente de um filho. O fantasma tem manifestamente uma função diferente da do recalçado dinâmico. Seu retorno periódico, compulsivo e que escapa até a formação dos sintomas (no sentido do “retorno do recalçado”) funciona como um ventríloquo, como um estranho com relação à tópica própria do sujeito.

O filho de um progenitor portador de uma cripta enfrentará o silêncio seletivo sobre tudo que, de alguma maneira, aproxima-se do segredo encriptado. Tal situação implicará uma falha do psiquismo. O que era ‘indizível’ para os pais, torna-se ‘inominável’ para os filhos.⁴

É importante lembrar aqui que o símbolo psíquico compreende quatro aspectos: representativo (imagem); afetivo; motor; verbal. Eles se constituem num conjunto indissociável, onde cada uma dessas séries participa na apropriação psíquica da história por parte do sujeito. Na comunicação de uma geração para outra, a constituição do símbolo pode, porém, apresentar discrepâncias entre os diversos canais de comunicação, resultando em graves erros de interpretação.

As imagens formadas pela criança em ligação com o segredo indizível para o progenitor têm dupla origem. Por um lado, trata-se de imagens de objetos ou de situações que a criança percebeu como suscetíveis de mobilizar a angústia do progenitor de forma repetitiva e particularmente intensa. Por outro, trata-se de imagens que a criança construiu a partir de palavras, ou de fragmentos de palavras, que sentiu investidas de forte carga emotiva no discurso dos pais e para o que não existe nenhuma explicação. Tal criação refere-se à clivagem, ao sofrimento parental indizível, ao desejo

⁴ Conceito metapsicológico de realidade refere-se a tudo que age no psiquismo de maneira a lhe impor uma modificação tópica – quer se trate de uma restrição de dentro ou de fora – remete, no aparelho psíquico, ao lugar em que o segredo está escondido (ABRAHAN & TOROK, 1995).

de compreender as dificuldades psíquicas deles (TISSERON, 1997). Os filhos de pais portadores de cripta podem desenvolver dificuldades de pensamento, de aprendizagem, temores imotivados, quadros fóbicos e obsessivos graves.

Quando o trabalho do fantasma intervém na segunda geração, a situação é mais complexa ainda, pois o que já é inomeável para os pais resultará impensável para os descendentes. Cruzamo-nos aí com angústias sem nome e com sintomas corporais bizarros. A gravidade dos transtornos poderá, porém, ser maior quando existe um fantasma nos dois pais. (NACHIN, 1997; TISSERON, 1997; DUMAS, 1985) O filho capturado por esta configuração pode desenvolver sintomas aparentemente desprovidos de todo sentido: delírios, alucinações, adições e alcoolismo, transtornos psicossomáticos.

A Transmissão do Não Representado – O Trabalho do Negativo

Conforme a teorização de Abraham & Torok, que vimos anteriormente, a transmissão ocorre através de símbolos fraturados ou de simbolizações parciais. Kaës propõe a noção de transmissão do negativo. Partindo de Freud, assinala que este já havia apontado, em *Introdução ao Narcisismo* (1914), que a criança é a herdeira dos sonhos não realizados dos pais, ou seja, da realização que lhes faltou. Suas investigações o confrontaram, no entanto, com uma negatividade mais radical, não somente a partir do que é falha e falta, mas do que é da ordem da ausência de inscrição e de representação. (KAËS, 1997) O que se inscreve é o vazio, a falha na metabolização e a falha do contrato que une cada membro ao conjunto e o conjunto a cada membro.

Pacto Denegativo

Todo vínculo sustenta-se em uma formação psíquica que tem duas polaridades: uma que organiza o vínculo e outra defensiva. Cada grupo organiza-se positivamente sobre a base de investimentos recíprocos, identificações comuns, ideais e crenças e sobre um contrato narcisista. (Nota sobre o contrato Piera). Organiza-se também negativamente sobre a base de renúncias, sacrifícios, apagamentos, rejeições, sobre um 'deixar de lado'. O pacto denegativo cria um conjunto não significável, não transformável, zonas de silêncio, bolsas de intoxicação, espaços residuais (KAËS, 1991; ROUSSILLON, 1987).

Atualmente é possível admitir que toda modificação, nas alianças, nos contratos e nos pactos, põe em cheque toda a estrutura do vínculo do conjunto e também dos sujeitos deste vínculo. Desta forma, qualquer modificação na estrutura do vínculo

enfrenta as forças que sustentam alianças e pactos. Isto permite compreender, como em certos grupos, um sujeito pode padecer a fim de manter seu funcionamento.

Resumindo, tanto a estrutura como a psique individual, resultam afetadas pela cadeia grupal. A cadeia reúne os sujeitos, que a ela se sujeitam e a quem sujeita. Para que os vínculos possam se manter como elementos que não puderam ser metabolizados e historizados precisam ser negados, rechaçados.

Kaës (1991) define o pacto denegativo com a seguinte metáfora:

Não somente existem cadáveres nas masmorras dos grupos e das instituições: mas devemos nos colocarmos de acordo, para esquecer que temos masmorras, a fim de não necessitar pensar que elas contém cadáveres e dejetos. (1991, P.145)

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, Nicolas; TOROK, Maria. **A casca e o núcleo**. São Paulo: Ed. Escuta, 1995.

BERENSTEIN, Isidoro. **Devenir outro com outro(s):** ajenidade, presença, interferência. Buenos Aires: Paidós Psicologia Profunda, 2004.

CAPRA, F. **A teia da vida**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1996.

Dumas, D. 1985

EIGUER, A. A parte maldita da herança. In: _____. **Lo generacional**. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1998.

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 14. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1976. P. 85-119.

FREUD, S. (1939). Moisés e o monoteísmo. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. 23. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996. P. 13-161.

FREUD, S. O ego e o id (1921). In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 19. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1976. P. 13-83.

FREUD, S. (1921). Psicologia das massas e análise do ego. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. 18. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1990. P. 89-179.

FREUD, S. (1913). Totem e Tabu. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. 13. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1990. P. 11-125.

GRAÑA, Roberto B.; PIVA, Angela B. S. **A Atualidade da Psicanálise de Adolescentes**. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 2004.

GRANJON, E. Os **avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Ed. Escuta, 2001.

KAËS, René. **O grupo e o sujeito do grupo**: elementos para uma teoria psicanalítica do grupo. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 1997.

_____. **Lo negativo**. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1991.

MORIN, Edgar. **Novos paradigmas, Cultura e Subjetividade**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2005.

MORIN, Edgar. **O método**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1999.

MORIN, E. A Noção de Sujeito. In: SCHNITMAN, D. (org.). **Novos Paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1996.

NACHIN, C. Del símbolo psicanalítico la neurose, la cripta y el fantasma. In: TISSERON, S. et al. **El psiquismo ante la prueba de las generaciones**. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1997.

Nicolas Rand. 1993

PIVA, Angela (Org.). **Transmissão transgeracional e a clínica vincular**. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 2006.

ROUSSILLON, R. **Construire le temps**: Revue Française de Psychanalyse, v.5. Paris: P.U.F., 1997. P. 1669-1781.

THOMAZI, Viviane. Doença do luto: cripta e fantasma na transmissão psíquica geracional. In: PIVA, Angela (Org.). **Transmissão transgeracional e a clínica vincular**. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 2006. P. 143-169.

TISSERON, S. et al. **El psiquismo ante la prueba de las generaciones**. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1997.